

Polifonia sobre a Batalha do Jenipapo: a construção de uma memória

Pauliana Maria de Jesus¹

A pesquisa monográfica intitulada “Polifonia sobre a Batalha do Jenipapo: A construção de uma memória” se desenvolveu a partir da seguinte problemática de pesquisa: constituiu historicamente uma memória sobre a batalha do jenipapo, em Campo Maior? Para responder tal questionamento foram traçados os seguintes objetivos: verificar quais os discursos que representam a batalha do jenipapo; compreender como os discursos políticos se apropriaram da história e da memória para legitimar suas ações e entender como esses discursos reforçam a ideia de identidade cultural.

O interesse pela pesquisa foi despertado pelo empenho de compreender como um fato histórico ocorrido há muito tempo se faz tão presente na atualidade. Pois, observando os “lugares de memória” como: o monumento aos Heróis do jenipapo – erigido na década de 70 – o cemitério simbólico nas proximidades do Jenipapo e as homenagens e celebrações que ocorrem todos os anos no dia 13 de março, em Campo Maior, observou-se que essas as ações foram instituídas através de vários discursos e sujeitos. Dessa forma, a importância do trabalho se justifica pela curiosidade e necessidade de entender como se constituiu a memória da Batalha do Jenipapo e como ela constitui no presente.

O título do trabalho, *Polifonia sobre a Batalha do Jenipapo: a construção de uma memória*. Surgiu a partir da leitura do livro “Análise do discurso: reflexões introdutórias”, de Cleudemar Alves Fernandes, que apoiado em Mikhail Bakhtin, define o discurso como uma interação do sujeito com o lugar social que ele ocupa, onde as relações entre os sujeitos discursivos são construídas historicamente. Assim, “ao considerarmos um sujeito discursivo, acerca de um mesmo tema, encontramos em sua voz diferentes vozes oriundas de diferentes discursos” (FERNANDES, 2008, p.26).

O referencial teórico da pesquisa está composto por diversos autores como Maurice Halbwachs (2004), que concebe a memória coletiva como produto do espaço e lugar ocupado pelo sujeito. Portanto, a memória individual é construída a partir de referências coletivas.

A concepção de Michael Pollak (1992) que estabelece a memória como algo individual, mas que por meio de uma socialização histórica e política, haverá um fenômeno de

¹ Graduada em Licenciatura plena em História pela Universidade Estadual do Piauí-UESPI, Campus Heróis do Jenipapo, Campo Maior - PI, 2013.

projeção e identificação cultural. Dessa forma, entende-se que a historiografia piauiense e a ação de sujeitos, como políticos, representados por Alberto Silva², Homero Castelo Branco, Dácio Bona³, dentre outros, contribuíram para socializar e divulgar a Batalha do Jenipapo, instituindo a construção de uma identidade local.

Além disso, trabalha-se a concepção de Pierre Norra (1993) que entende a memória como algo seletivo, mas ao mesmo tempo flutuante entre o passado e o presente, onde os lugares de memória tem a função de materializar/simbolizar e garantir certa funcionalidade. Neste caso, pode-se fazer uma relação da Batalha do Jenipapo, que foi um acontecimento que se mantém presente através de alguns lugares de memória como o Monumento aos Heróis do Jenipapo; o cemitério; as denominações de alguns prédios públicos, como a Unidade Escolar “13 de Março”, em que faz alusão ao dia da Batalha; o Campus Heróis do Jenipapo, da UESPI; a Avenida Heróis do Jenipapo, localizada na BR-343 etc.

A metodologia utilizada ocorreu através da seleção e análise de varias fontes como: o Jornal “O Dia”, de 1972, Jornal “A luta”, de 1973; Decreto-lei nº. 11 do livro de 1969/1970, que autoriza o governo municipal a colaborar na construção do monumento comemorativo da Batalha do Jenipapo; e Decreto-lei nº. 42 do livro de 1948/1950, que instituiu o dia 13 de Março como feriado em Campo Maior. Além da análise dos discursos políticos de Alberto Silva (1973), Pinheiro Machado (1973) e Homero Castelo Branco (2005).

Como entende-se que a construção da memória da Batalha do Jenipapo é formada a partir de vários discursos, optou-se pelo recorte temporal de 1970 a 2012. Também foram realizadas entrevistas com cinco pessoas: Antônio Miranda de Sousa, Francisco das Chagas Lima, João Alves Filho e Francisca Batista Moreira, Zeferino Alves Filho. Contanto, a História oral, de acordo com Janaina Amado e Marieta Moraes, como uma metodologia “estabelece e ordena procedimentos como filmagens, entrevistas, roteiros e orienta a forma do entrevistador se relacionar com seus entrevistados” assim, a metodologia da História oral foi importante porque permitiu o trato com o uso da fonte oral, possibilitando a reflexão e o surgimento de novos posicionamentos a partir da memória do sujeito entrevistado.

O trabalho monográfico está dividido em dois capítulos: **Historiografia da Batalha do Jenipapo**; e **Discursos Polifônicos da Batalha do Jenipapo (Diálogos entre a História oral, os discursos políticos e os lugares de memória)**. Nesse capítulo, analisou-se como foi constituída a memória da Batalha do Jenipapo, através do discurso historiográfico piauiense,

² Governador do Piauí em 1970-1975, de forma indireta, lembrado pelas ações governamentais através da construção de grandes obras como o estádio Albertão.

³ Prefeito de Campo Maior de 1970-1974.

representado por autores piauienses como: Monsenhor Joaquim Chaves (2005), Wilson de Andrade Brandão (2006), Odilon Nunes (2006) e Abdias Neves (2006). Conforme esses autores, a Batalha do Jenipapo foi um confronto violento entre as tropas portuguesas comandadas pelo Major João José da Cunha Fidié e os piauienses compostos por militares e populares, como vaqueiros, roceiros, agricultores. Mas, que contou com ajuda de maranhenses e cearenses.

Ocorrida no dia 13 de Março de 1823, em Campo Maior-PI, o evento ficou marcada na memória dos piauienses como uma das mais sangrentas lutas pelo movimento de independência do Brasil, pois garantiu a unidade do território nacional. Haja vista, que Portugal tinha a pretensão de ficar com os territórios do norte do país (Piauí, Pará e Maranhão).

Percebeu-se que a historiografia clássica piauiense, representada por Monsenhor Joaquim Chaves (2005), Wilson de Andrade Brandão (2006), Odilon Nunes (2006) e Abdias Neves (2006), caracterizada por uma narrativa com influências positivistas⁴, pois apesar de reverenciarem a participação popular na batalha, também, enalteceram de forma apologética sujeitos como: Leonardo de Carvalho Castelo Branco, João Cândido de Deus, Manoel de Sousa Martins e Simplício Dias da Silva, que se constituíram como os patriarcas da independência ou heróis que incitaram o povo a participar do combate.

Contanto, confrontando a historiografia clássica com escrita de autores com influências da História nova, representada por Claudete Dias (2002) Bernardo Pereira de Sá Filho (1996), Francisco de Assis Lima (2009). Percebeu-se que esses autores trazem novos posicionamentos a respeito da participação popular na Batalha do Jenipapo, pois para Sá Filho (1996, p.48) “a população foi aliciada ou persuadida a participar do movimento”, pela elite dominante que tinha interesse em governar o Piauí e com isso, ter mais privilégios nas relações econômicas. Já para Assis Lima (2009) a população participou do combate através de recrutamentos. Portanto para esses autores a população aderiu ao movimento por obrigatoriedade ou por alienação, pois não tinham uma visão clara da realidade e não sabiam as consequências da batalha, quais as mudanças que a independência do Brasil traria para suas vidas. Portanto, Não foi de forma espontânea e por puro patriotismo, como ressalta a historiografia clássica.

⁴ Esse termo refere-se à escola metódica ou positivista. Teve como seus principais representantes Hegel e Ranke. Esses filósofos baseavam-se principalmente na erudição em relação aos documentos diplomáticos. In: REIS, José Carlos. *A História entre a Filosofia e a Ciência*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004, p.15.

O segundo capítulo, **Discursos polifônicos da Batalha do Jenipapo** (Diálogos entre a História oral, os discursos políticos e os lugares de memória). Buscou entender, como se constituiu uma memória em torno dessa batalha, para isso, foram analisados os lugares de memória, os discursos políticos e as significações da batalha para os campo-maiorenses que relatam e representam uma memória coletiva.

Entende-se que a memória da Batalha do Jenipapo foi apropriada pelos campo-maiorenses que construíram representações sobre o acontecido. Como por exemplo: os ex-votos e o monumento aos heróis do jenipapo que se constituem como lugares simbólicos que têm a função de rememorar o acontecido no presente. Constatou-se que os mortos da batalha foram resignificados no imaginário popular que, ora são cultuados como almas milagrosas que obram curas, ora são representadas como heróis. Contanto, o culto as “almas do batalhão”,⁵ acontece no momento em que as pessoas se dirigem ao cemitério e ao cruzeiro para acender velas, pagar promessas e depositar sua fé através dos objetos que deixam no cruzeiro como (pedaços de madeira em forma de cabeça, pernas, braços, seios. etc.) elementos que representam a cura que ocorreu em determinada parte do corpo da pessoa que pediu a graça. Dessa forma, os sujeitos se apropriam de uma memória dando-lhes sentidos, pois acreditam que os mortos na batalha se santificaram podendo interceder por elas concedendo-lhes milagres.

Um dos questionamentos levantados pela pesquisa foi qual a razão para os nomes dos populares que morreram na Batalha do Jenipapo permanecer no anonimato? Para alguns dos entrevistados, como Antônio Miranda de Sousa (2012) “houve um silenciamento por parte das autoridades governamentais da época, pois temiam que os parentes dos mortos pedissem indenização”.⁶ No entanto, as ações políticas também influenciaram na constituição da memória instituindo o que devia, ou não ser lembrado.

Verificou-se que autoridades públicas criaram mecanismos através de leis, atas e datas oficiais, legitimando suas ações. Como exemplo, pode-se citar o obelisco construído em 1922, por ocasião do centenário da independência com a seguinte frase: “Homenagem aos Heróis da Batalha do Jenipapo Independência do Brasil primeiro centenário” e também a construção do monumento aos Heróis do Jenipapo em 1970 que segundo Alberto Silva, em discurso durante a inauguração do monumento, essas ações visam perpetuar a memória dos mortos na batalha e para que esse fato histórico não caísse no esquecimento.

⁵ Essa é expressão que geralmente os devotos se reportam ao falar sobre as almas que morreram na Batalha do Jenipapo.

⁶ SOUSA, A.M. entrevista concedida a Pauliana Maria de Jesus, Campo Maior, abr. de 2012.

Assim, compreende-se que os mortos na Batalha do Jenipapo se transformaram em heróis, a partir de ações políticas, que criaram discursos legitimando-os através de ações, como essas, de construir lugares de memória, inculcando ideias e representações, com a tentativa de provocar uma assimilação pelo povo. Neste caso, entende-se que houve uma assimilação. Mas, também uma ressignificação pelas pessoas. Pois, o obelisco erigido próximo ao local onde ocorreu a batalha transformou-se numa espécie de santuário, ou um lugar sagrado onde os devotos das almas do Batalhão se dirigem para acender velas e pagar promessas.

Também, aborda-se como a partir de 1970 a defesa em favor do reconhecimento dessa batalha se abrolhou de forma intensa, principalmente, devido ao ressentimento e discursos de várias figuras políticas, tendo, em vista, que nesse período o Brasil passava por uma instabilidade política, a nação era governada por um estado ditatorial, era necessário o fortalecimento das questões cívicas e o culto de amor à pátria. Nesse contexto, o Piauí que sempre foi conhecido como um estado defasado e decadente queria mostrar-se em outro aspecto de forma positiva como um “Povo guerreiro”; “lutador”; “Heroico” que já teve grande participação e relevância no cenário Brasileiro. Nesse sentido, os discursos proferidos em relação à batalha transformam-se tanto numa memória ressentida, como uma disputa de memória onde vários sujeitos lutaram por um reconhecimento.

Portanto no decorrer da pesquisa se analisou como a historiografia piauiense contribuiu, para a formação de memória coletiva em campo maior-PI, entende essas narrativas, colaboraram para formar uma memória sobre a Batalha do Jenipapo, tanto sobre os sujeitos que estavam envolvidos nesse processo, como o major Fidié, que é concebido como um tirano, ladrão, bárbaro e perigoso etc. como também os heróis da independência, Leonardo de Carvalho Castelo Branco, João Candido de Deus e Silva, Simplício Dias, dentre outros nomes, que surgem como os patriarcas, revolucionários, corajosos guerreiros e heróis.

Contanto, o discurso historiográfico faz um diálogo com a tradição, porque foi assimilado e ressignificado pelos devotos das almas do batalhão que depositam sua fé, através dos ex-votos, também se percebe, que as autoridades públicas atualmente, se apropriam dessa memória legitimando seus discursos, na construção de uma identidade coletiva em Campo Maior através da criação de leis, denominação de prédios públicos, que se constituem como processos de rememoração dessa História no presente.

Portanto este trabalho se constitui como uma atualização sobre a História da Batalha do Jenipapo que traz novas perspectivas no campo historiográfico.

REFERENCIAS:

1.0 Principais obras consultadas para pesquisa

- AMADO, J; FERREIRA, M.M. **Usos e abusos da História Oral**.8.Ed.Rio de Janeiro: editora FGV,2006.
- BANDÃO, W.A. **História da independência no Piauí**. Teresina: FUNDAPI, 2006.
- CARVALHO, J.M. de. 1939. **A formação das almas: imaginário da República no Brasil**, São Paulo: Companhia das letras, 1990.
- CHAVES, M.J. **O Piauí nas lutas pela Independência do Brasil**. Teresina: Alínea publicações editora, 2005.
- FERNANDES, C.A. **A análise do discurso: reflexões introdutórias**. 2. Ed. São Carlos: editora clara luz, 2008.
- DIAS, C.M.M. **Que História é essa?** Teresina: EDUFPI, 2005
- DIEHL, A.A. **Cultura historiográfica: memória, identidade e representação**, Bauru, São Paulo: EDUSC, 2002.
- FRANÇOIS, E. **A Fecundidade da História Oral**. Missão Histórica francesa na Alemanha. Paris:(4-33) jun,1987.
- HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Ed. Antônio, 2004.
- KERSTEN, M. S. A. **Os rituais de tombamento e a escrita da história**. Curitiba: Editora da UFPR, 2000.
- LIMA, F. A. **A Batalha o reconhecimento**. Campo Maior: Ed. Autor, 2009.
- MENESES, U.B. Os Paradoxos da Memória. In; MIRANDA, D.S. (Org.) **Memória e cultura a importância da memória na formação cultural humana**. São Paulo: edições SESCSP,2007.
- MELO, S. M. B. **A construção da memória cívica: As festas escolares de civilidade no Piauí, (1930-1945)**. Teresina: EDUFPI, 2010.
- NETO, G.B.G. Historiografia, Diversidade e História Oral: Questões Metodológicas. In: LAVERDI, R.et.al. **História, diversidade, desigualdade**. Santa Catarina: UFSC; Recife: UFPE, 2011.
- NEVES, A. **A Guerra do Fidié**. Teresina: FUNDAPI, 2006.
- NORA, P. **Entre a Memória e História**. A problemática dos lugares. In: LesLeus de morriere. Lá Republique. Paris Gallimard, 1984, Produção, Yara Sun Khoury. Prof-História São Paulo, 1993.
- NUNES, O. **Pesquisa para a história do Piauí: A independência do Brasil especialmente no Piauí: Manifestações republicanas: A ordem**. Teresina. FUDAPI: FMC, 2007. 2.v.
- NUNES, M.C. Religiosidade Popular. IN: **O Piauí e a cultura popular**. Teresina: comissão piauiense de folclore; Caixa Econômica Federal. [Is/d]. p 23-27.
- ORLANDI, E.N.I. P. Discurso e Leitura. In; CARNEIRO, E.A; CARNEIRO, E.C.A.R. **Notas Introdutórias sobre a Análise do Discurso: Fundamentos da análise do discurso**, 2007. Disponível em: <[HTTP://WWW.duplipensar.net/artigos/2007s1/notas-introdutóriasanálise-do-discurso-fundamentos.html](http://www.duplipensar.net/artigos/2007s1/notas-introdutóriasanálise-do-discurso-fundamentos.html)> acesso em: 20 set.2012.
- PESAVENTO, S.J. **Fronteiras do milênio**, Porto alegre. Ed. Universidade UFRGS, 2001.
- CAVALCANTE, J.R. **Memória Social da Batalha do Jenipapo em Campo Maior-PI: tradições oral e ritual em diálogos com políticas públicas patrimoniais**. (Dissertação de mestrado) Universidade federal do Piauí-UFPI. Teresina.

1.1 FONTES.

1.2 Discursos políticos

BRANCO, H. C. Guerra do Jenipapo. Homenagem na Bandeira. Campo Maior. 2005.

MACHADO, P. Significação da Batalha do Jenipapo na luta pela Independência do Brasil. Março 1973. Departamento de imprensa nacional. In; biblioteca Marion Saraiva. Campo Maior, 2011.

TAVARES, A.S. Discurso proferido na inauguração do monumento. Campo Maior, 1973. Fonte (ACALE).

1.3 Publicações periódicas

1.2 Revista

Piauiensidade=liberdade:Piauí Terra Querida. Coordenadoria de comunicação social: governo do estado do Piauí, 2012, p23.

1.3 Jornais

Autor não identificado, A luta pelo reconhecimento. Jornal a Luta. N°288. Campo maior, 16 de out.1973. Fonte. Arquivo particular, Francisco de Assis Lima.

Alberto Silva Tavares. Mensagem do governador. Teresina, 03 janeiro de 1972. O Dia. p 2-3.

1.4 Decretos leis

Campo Maior. Decreto lei n° 11. Livro de 1948-1950, câmara municipal que estabelece o 13 de março como feriado municipal.

Teresina. Projeto de lei n° 015/2005 de 04 de Março de 2005. Que dispõe sobre a inclusão do dia 13 de março de 1823 na Bandeira do estado do Piauí e da outras disposições.

Campo Maior. Decreto lei n°42.In; livro de 1969-1970. Câmara municipal. que autoriza o governo a colaborar com o governo do estado na construção do monumento comemorativo da Batalha do jenipapo.

1.5 Vídeos e entrevistas

FILHO, J. A. Entrevista concedida à Pauliana Maria de Jesus, Campo Maior, out. de 2011

LIMA, F. C. Entrevista concedida à Pauliana Maria de Jesus, Campo Maior, out. de 2011.

MOURA, F.B. Entrevista concedida à Pauliana Maria de Jesus, Campo Maior. Out. de 2012.

SOUSA, A.M. Entrevista concedida à Pauliana Maria de Jesus, Campo Maior, abr.de 2012.

Recebido: 17 de maio de 2013
Aprovado: 24 de agosto de 2013